

**QUEM DESEJAR A PAZ QUE SE PREPARE PARA A GUERRA: A CONCEPÇÃO
BÉLICA NA *EPITOMA REI MILITARIS*****WHO WANT PEACE TO PREPARE FOR WAR: THE BELICIAN CONCEPTION IN
*EPITOMA REI MILITARIS***

4

Wendryll José Bento Tavares

Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano *Campus*
Trindade e doutorando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade
Federal de Goiáshistoriawendryll@gmail.com

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar a concepção de guerra presente na obra *Epitoma Rei Militaris* dentro do quadro geral de concepções militares típicas da história romana. Para tal, o itinerário tem início com a identificação de aspectos cristãos na escrita de Vegécio. Após essa fase, é realizada uma análise do pensamento cristão antigo a respeito da guerra, em que é possível perceber uma clivagem típica do século IV. É também realizada uma breve revisão das concepções politeístas típicas das fontes mobilizadas por Vegécio acerca do fenômeno militar. Após isso, é realizada uma análise de como as questões da paz e da guerra aparecem na *Epitoma Rei Militaris* e como as concepções de paz e guerra ali são fruto das diversas transformações sofridas pelo Império Romano durante o século IV depois de Cristo, principalmente após as derrotas romanas ante os godos. A questão da valoração positiva da guerra e negativa da paz se mostra talvez o ponto mais interessante da forma como Vegécio e os romanos desde o período republicano pensavam a questão. Por último, é feita uma pequena comparação a respeito da forma como o mundo contemporâneo e o mundo romano antigo, especificamente tardo antigo, tratam a relação entre guerra e paz.

Palavras-chave: Vegécio, *Epitoma Rei Militaris*, Guerra.

Abstract: The present paper aims to present the conception of war present in the *Epitoma Rei Militaris* within the general framework of typical military conceptions of Roman history. To this end, the itinerary begins with the identification of Christian aspects in the writing of Vegecio. After this phase, an analysis of ancient Christian thinking about war is made, in which a typical fourth-century cleavage can be discerned. A brief review of the typical polytheistic conceptions of the sources mobilized by Vegecio about the military phenomenon is also performed. After that, an analysis is made of how the issues of peace and war appear in the *Epitoma Rei Militaris* and how the conceptions of peace and war there are the result of the various transformations undergone by the Roman Empire during the fourth century after Christ, especially after the Roman defeats before the Goths. The question of the positive valuation of war and

Building the way

the negation of peace proves to be perhaps the most interesting point in the way that Vegetius and the Romans from the Republican period thought of the question. Finally, a brief comparison is made of how the contemporary world and the ancient Roman world, specifically the late afternoon, treat the relationship between war and peace.

Keywords: Vegetius, *Epitoma Rei Militaris*, War.

5

Considerações Iniciais

No início do terceiro livro de sua obra, *Epitoma rei militaris*, Vegécio enuncia uma das máximas mais importantes e conhecidas dentro do campo dos estudos militares:

Portanto, quem desejar a paz, que prepare a guerra; quem ambicionar a vitória, que treine diligentemente os soldados; quem pretender desenlaces favoráveis, que lute com arte, não ao acaso. Ninguém ousa provocar, ninguém ousa agredir aquele que se percebe ser-lhe superior em caso de combate¹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, III, [Pref.]).

Esta enunciação passou por muitos usos durante o transcorrer dos séculos e ainda nos dias atuais ela é recorrente. Contudo, faz-se necessário demonstrar que tal construção estava inserida dentro de um contexto específico do quarto século e fazia parte de um entendimento romano acerca do fenômeno militar².

Ao tratarmos de Vegécio, claramente estamos lidando com um autor cristão. Isso pode ser comprovado em várias passagens da obra, como naquela em que ele descreve a legião romana: "Penso que as legiões foram instituídas pelos Romanos não só por desígnio humano mas também por inspiração de Deus³" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, II, XXI). Em outra passagem, o autor se refere aos juramentos que os soldados devem prestar: "juram por Deus, por Cristo e pelo Espírito Santo e pela majestade do

1 "[I]gitur qui desiderat pacem, praeparet bellum; qui uictoriam cupit, milites inbuat diligenter; qui secundos optat euentus, dimicet arte, non casu. Nemo prouocare, nemo audet offendere quem intellegit superiorem esse, si pugnet]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, Pref.)

2 Com isso, estamos afirmando o caráter permutável das concepções de guerra romanas no transcorrer do tempo, embora não neguemos certas similaridades com concepções do período republicano e do século I.

3 "[Non tantum humano consilio sed etiam diuinitatis instinctu legiones a Romanis arbitror constitutas]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, XXI).

Building the way

Imperador, a qual, a seguir a Deus, deve ser estimada e honrada pelo gênero humano⁴ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, II. V).

Análise

6

Ao escrever sobre guerra de um ponto de vista cristão, Vegécio nos mostra uma perspectiva típica do período pós-Constantino em contraposição a uma perspectiva anterior à ascensão daquele governante (pelo menos do ponto de vista geral). Louis J. Swift, ao estudar os escritos de Basílio, Atânasio, Ambrósio e Agostinho, mostra como a visão dos autores cristãos se modificou no século IV no que diz respeito ao uso da violência militar. Não se trata mais da questão de que um cristão pode ou não matar, mas sim em que condição tal ação se fazia necessária.

Ocorreu uma grande transformação sobre os propósitos de travar guerra. Se antes do século IV havia uma tendência entre os autores, como Tertuliano, de que era impossível travar guerras com objetivos benevolentes, no período pós-Constantino, tornou-se totalmente plausível as lutas para ajudar o próximo. Segundo Swift, no período pós-Constantiano, "violência e espírito interno de amor não eram incompatíveis" (SWIFT, 2007, p. 290). O ato de travar uma guerra (*ius ad bellum*) com autoridade legítima para expurgar injúrias não era incompatível com a conduta na guerra (*ius in bello*) em que a misericórdia deveria ser mostrada ao perdedor.

Além de pensar na realidade cristã em que Vegécio estava inserido, temos que buscar conceituar paz entre os romanos politeístas, já que as fontes citadas⁵ por Vegécio eram em sua maioria absoluta, politeístas. Nathan Rosenstein relata que para os romanos que viveram durante o período republicano a paz "era produto de guerra vitoriosa, algo imposto sobre o vencido, o produto de rendição, humilhação e uma destruição do espírito do inimigo" (ROSENSTEIN, 2007, p. 227). Para eles, qualquer outra forma de terminar uma guerra era vergonhosa, pois era preciso que o ato ritual da *Deditio* fosse realizado para que os vencidos estivessem submetidos à *fides* do general

4 "[Iurant autem per Deum et Christum et sanctum Spiritum et per maiestatem imperatoris, quae secundum Deum generi humano diligenda est et colenda]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. II, V).

5 Entre os autores citados por Vegécio estão: Virgílio, Frontino, Catão-o-Antigo, Cornélio Celso, Paterno e as constituições de Augusto, Trajano e Adriano (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VI; I, VIII).

Building the way

romano vitorioso. Giovanni Brizzi, em *O Guerreiro, o Soldado e o Legionário*, aponta para a mesma direção ao falar da raiz de *pax*: "significativo, a propósito, pareceu o fato de que o termo escolhido tenha a mesma raiz de *paciscor* e de *pactus*, ou seja, refira-se a uma condição não natural, mas negociada ou imposta" (BRIZZI, 2003, p. 94). Imperadores que negociaram com inimigos, como foi o caso de Domiciano com os Dácios, foram pesadamente censurados; já governantes que travavam guerras, como sucessor Trajano, representavam o modelo a ser seguido.

Essa concepção romana de não capitulação ante os inimigos e aceitar a paz somente como o lado vitorioso da guerra, parece-nos (homens contemporâneos) estranha. Como Carlin A. Barton nos explica, a paz em nosso mundo está associada à justiça e oposta ao caos sem leis. Entre os romanos, todavia, somente a paz imposta ao derrotado era aceita como *pax*, o que implicava além da *deditio*, a *supplicatio* e a *deprecatio* do adversário. Contudo, existiam duas esferas da *pax* entre os romanos: *domi* e *militae*. Na primeira, principalmente em contextos de guerras civis, *pax* era sinônimo de contrato (*pactio*, *sponsio*, *foedus*, *societas*, *stipulatio*), enquanto na segunda, *pax* se ligava à derrota, suplicação, confissão (*deditio*, *supplicatio*, *confessio*) (BARTON, 2007, p. 248).

Esse esquema funciona muito bem para o entendimento da obra de Vegécio. Se a concepção de paz foi se modificando ao longo dos séculos de história romana, pensamos que o contexto do quarto século possibilitava uma nova definição de guerra: *Igitur qui desiderat pacem praeparat bellum*.⁶ Em um momento em que problemas militares com os povos bárbaros eram recorrentes, fazia-se necessária uma retomada do ideal da busca da paz por meio das armas.

Além da enunciação de que a guerra possuía preponderância sobre a paz, é preciso avaliar o valor atribuído a esta segunda por Vegécio. Como o próprio autor nos informa:

E tal como sabemos pela prática e pela experiência, é a partir dessa causa que tantas derrotas foram causadas pelos nossos inimigos em toda a parte, quando uma longa paz deu azo a uma escolha mais negligente dos soldados, quando os jovens mais ilustres seguiam os

6 Portanto, quem desejar a paz, que prepare a guerra (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, III).

Building the way

cargos civis e quando os jovens que, indicados pelos proprietários por meio de favor ou desleixo dos recrutadores, se juntavam ao exército eram de tal espécie que até os seus senhores tinham repugnância em tê-los⁷ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I. VII).

8

Aqui são colocadas duas questões: a primeira é relativa à concepção de paz do autor; a segunda se liga a uma questão capital dos séculos IV e V, isto é, os problemas de recrutamento. Durante o período republicano, os romanos "associavam falta de tensão e atividade enérgica como ausência de espírito, falta de vitalidade. 'Paz' em nosso senso seria considerada enervante - e até mesmo perigosa" (BARTON, 2007, p. 246). A paz seria responsável por destruir a disciplina que preservava a organização romana e os preceitos morais que tornavam os romanos aqueles que dominavam grande parte do mundo conhecido. Durante a República, períodos de paz levavam a lutas civis, já no quarto século, após principalmente a Batalha de Adrianópolis, Vegécio acusava os problemas gerados pela paz como responsáveis pelas sucessivas "derrotas romanas"⁸. Como ele mesmo denuncia:

Nem se deve negar que, depois da fundação da sua cidade, os Romanos dela sempre partiram para a guerra. Mas, nesse tempo, não estavam enfraquecidos por nenhuns prazeres, por nenhuns luxos; a juventude lavava o suor acumulado na corrida e nos exercícios de campo nadando no Tibre; ao mesmo tempo guerreira e agricultora, trocava somente de tipo de armas; de tal forma isto é verdade que se sabe que a ditadura foi oferecida a Quíncio Cincinato enquanto este lavrava⁹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I. III).

Enquanto paz está associada a defeitos e problemas, a guerra estava vinculada com as maiores virtudes romanas. Barton enumera assim:

7 "[*Et quantum usu experimentisque cognouimus, hinc tot ubique ab hostibus inlatae sunt clades, dum longa pax militem incuriosius legit, dum honestiores quique ciuilia sectantur officia, dum indicti possessoribus tirones per gratiam aut dissimulationem probantium tales sociantur armis, quales domini habere fastidiunt*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VII).

8 Como Adrian Goldsworthy nos mostra, grande parte das derrotas romanas naquele momento eram feitas por assaltos de grupos bárbaros e não por batalhas de grandes proporções (GOLDSWORTHY, 2007, p. 182).

9 "[*Nec infitiandum est post urbem conditam Romanos ex ciuitate profectos semper ad bellum; sed tunc nullis deliciis frangebantur, (sudorem cursu et campestri exercitio collectum iuuentus natans abluabat in Tiberi) idem bellator, idem agricola, genera tantum mutabat armorum; quod usque adeo uerum est, ut aranti Quinctio Cincinnato dictaturam constet oblatam*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, III).

Building the way

Palavras que nós associaríamos com paz e tranquilidade (*otium, inertia, desidia, ignavia, socordia*), estavam associadas com covardia, falta de determinação, energia efetiva, *virtus*. Palavras associadas com atividade enérgica e tensão (*labor, industria, exercitio, disciplina, duritia, studium, vigilantia*), assinalavam energia, vigor, vitalidade, melhoramento do ser (BARTON, 2007, 246-247).

Somente a atividade enérgica poderia fazer os romanos retomarem sua superioridade militar. A ausência de atividade enérgica e tensão era vista como virtuosa somente enquanto existisse paz com os deuses ou *concordia*¹⁰. São visíveis as ligações feitas por Vegécio opondo virtudes ligadas à guerra e defeitos ligados à paz:

Mas a segurança proporcionada por um longo período de paz conduziu os homens, em parte, ao prazer do ócio e, em parte, às carreiras civis. Assim, o cuidado com o treino militar foi, em primeiro lugar, encarado de uma forma mais negligente, depois abandonado, e, por último, há muito tempo que caiu no esquecimento, conforme se sabe. E que ninguém se admire que isto tenha acontecido na época precedente, sabendo-se que, depois da Primeira Guerra Púnica, se seguiu uma paz de mais de vinte anos, que adormeceu pelo ócio e pela desabituacão das armas os Romanos que tinham vencido em toda a parte, de tal forma que, durante a Segunda Guerra Púnica, eles não puderam estar à altura de Aníbal¹¹ (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*, I. XXVIII).

Aqui ele nos dá um exemplo evidente da associação da paz ao ócio e ao abandono da carreira militar em detrimento das carreiras civis. A negligência está localizada no polo oposto da disciplina e é possível observar o recurso ao *topos* da *Historia magistra vitae* para alertar os romanos quanto a esse perigo, por exemplo, quando da paz gerada após as primeiras Guerras Púnicas, que enfraqueceram os romanos ante Aníbal. Vegécio não nos deixa sem solução para esses problemas e

10 Como Kurt A. Raaflaub nos explica: "Em Roma, *pax* era conceitualmente importante sobretudo porque todo ato cultural tinha o propósito de assegurar 'paz com os deuses' (*pax deorum*), mas a personificação e culto seguia-se muito depois. Enquanto 'paz interna, concórdia (*concordia*) foi personificada e recebeu um templo já na metade da República, isto aconteceu com a paz somente na sequência da guerra civil desastrosa que destruiu a República, quando a paz foi imposta pelos vitoriosos e eventualmente se tornou a *Pax Augusta*" (RAAFLAUB, 2007, p. 14).

11 [*Sed longae securitas pacis homines partim ad delectationem otii partim ad ciuilia transduxit officia. Ita cura exercitii militaris primo neglegentius agi, postea dissimulari, ad postremum olim in obliuionem perducta cognoscitur, nec aliquis hoc superiore aetate accidisse miretur, cum post primum Punicum bellum uiginti et quod excurrit annorum pax ita Romanos illos ubique uictores otio et armorum desuetudine eneruauerit, ut secundo Punico bello Hannibali pares esse non possent*] (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXVIII).

Building the way

busca na *aemulatio* a resposta para tal situação. As soluções só podem ser adquiridas através da leitura e repetição dos sucessos do passado: "Eu compilei a sùmula disto tudo neste livrinho com fidelidade e dedicação, [...] para que, se alguém quiser mostrar-se diligente na seleção e no treino dos recrutas, possa facilmente reforçar o exército pela imitação das antigas virtudes¹²" (VEGÉCIO. *Compêndio da Arte Militar*, I. XXVIII).

10

Vegécio nos dá uma fórmula do sucesso militar romano: "Na verdade, nós vemos que o povo romano submeteu todo o Mundo por meio de nenhuma outra razão a não ser pelo treino das armas, pela disciplina dos acampamentos e pela experiência do exército" (VEGÉCIO, *Epitoma rei militaris*, I. I). Três são os pilares do sucesso romano: treinamento, disciplina e experiência. Contudo, antes de todo o processo de disciplinarização, treinamento e ganho de experiência era essencial a presença de outra característica, também ligada à guerra: era primordial a presença da *uirtus*, que autores como John Lendon traduziriam como coragem agressiva (LENDON, 2005, p. 302). Como Vegécio afirma: "Portanto, devem ser rejeitados os menos úteis e devem ser escolhidos para o lugar deles os mais capazes. Na verdade, em todo o tipo de conflitos, não aproveita tanto a quantidade quanto a *uirtus*¹³" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

Interessante notar que a *uirtus* deveria estar em equilíbrio com a disciplina. Ambas as virtudes seriam complementares à formação do soldado, ligariam-se à guerra e deveriam ser expressas conjuntamente no momento do combate. A *uirtus* permitia que os homens se colocassem em posição de batalha, mas a *disciplina* - entendida como algo imposto e sentido em seus diferentes elementos (obediência, treinamento e labor) - é que tornava o exército mais competitivo.

Na concepção de Vegécio, a guerra tinha a função de transformar os jovens em soldados e torná-los mais valorosos. Além do aspecto meramente militar, a guerra, ao que nos parece, tinha como função discriminar o que era romano daquilo que não era. Se durante o período moderno e contemporâneo a guerra se tornou algo

12 "[*Haec fidei ac deuotionis intuitu, imperator inuicte, de uniuersis auctoribus qui rei militaris disciplianm litteris mandauerunt in hunc libellum enucleata congeSSI, ut in dilectu atque exercitatione tironum si quis diligens uelit existere ad antique uirtutis imitationem facile corroborare possit exercitum*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXVIII).

13 [*Repudiandi ergo minus utiles et in locum eorum strenuissimi subrogandi sunt. In omni enim conflictu non tam prodest multitudo quam uirtus*] (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, VIII).

Building the way

indesejado e pensadores refletiram sobre a possibilidade de não existirem mais guerras, como Thomas Paine, Kant e Montesquieu, no mundo romano em que Vegécio viveu, por outro lado, a guerra era encarada como inevitável e importante para a transformação do jovem (*tiro*) em adulto.

As atividades ligadas à guerra, assim como o treinamento e as punições tornavam os homens soldados melhores: "O medo dos castigos disciplina os soldados nos aquartelamentos; e, em campanha, a esperança de recompensa torna-os melhores¹⁴" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XXVI). A paz, por outro lado, transformava os homens em preguiçosos e indisciplinados, como o próprio Vegécio atesta ao lembrar o fim da Primeira Guerra Púnica: "[...] se seguiu uma paz de mais de vinte anos, que adormeceu pelo ócio e pela desabitucação das armas os Romanos que tinham vencido em toda a parte, de tal forma que, durante a Segunda Guerra Púnica, eles não puderam estar à altura de Aníbal¹⁵" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXVIII).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a *Epitoma rei militaris* e a historiografia militar acerca de perspectivas para o entendimento do fenômeno bélico em Roma e conseqüentemente para o entendimento do que é a guerra, nos surpreendemos com as possibilidades abertas com a leitura da documentação. A guerra e a paz em Vegécio, por exemplo, não eram encaradas como efeitos colaterais dentro de um universo em que as relações não eram "harmônicas". Ao contrário da ideia de fim violento que as pessoas não desejavam, a guerra e as atividades ligadas a ela eram (principalmente na fonte trabalhada aqui) o que tornava os homens melhores naquela sociedade, pois era a possibilidade da existência de uma guerra que punha os homens à prova. A paz, por outro lado, tinha um significado pejorativo e levava os indivíduos a um quadro de grande piora moral. Esse entendimento é contrário, por exemplo, à definição de guerra

14 [*Milites timor et poena in sedidus corrigit, in expeditione spes ac praemia faciunt meliores*] (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. III, XXVI).

15 "[*Nec aliquis hoc superiore aetate accidisse miretur, cum post primum Punicum bellum uiginti et quod excurrit annorum pax ita Romanos illos ubique uictores otio et armorum desuetudine eneruauerit ut secundo Punico bello Hannibali pares esse non possent*]" (VEGÉCIO. *Epitoma rei militaris*. I, XXVIII).

Building the way

de William Tecumseh Sherman - Guerra é o inferno (FERRIL, apud: SHERMAN, 1997, p. 09) -, Vegécio e os romanos do IV século definitivamente não pensavam a guerra como destrutiva e desanimadora.

Esse conjunto de diferenças no leva a salientar que o fenômeno militar e tudo que gravita ao seu redor é culturalmente construído e representado. Além da própria concepção de guerra, outros fatores diretamente ligados a ela são fruto de seu próprio tempo. A própria maneira como os homens percebem e concebem as inovações militares são historicamente determinadas. Essa concepção de inovação militar comum aos antigos gregos e romanos nos parece um tanto sem fundamento, mas é necessário lembrar que hoje vivemos sob um outro "Regime de Historicidade", para utilizar uma definição de François Hartog (2003).

12

FONTES DOCUMENTAIS:

VEGÉCIO. *Epitoma Rei Militaris*. Trad. M. D. Reeve. Oxford: Clarendon Press, 2004.

VEGÉCIO. *Compêndio da Arte Militar*. Trad. J.G. MONTEIRO e J. E. BRAGA. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

VEGÉCIO. *Epitome of Military Science*. Trad. N. P. Milner. Liverpool: Liverpool University Press, 1996.

VEGÉCIO. *Compendio de técnica militar*. Trad. David Paniagua Aguilar. Madri: Cátedra, 2006.

REFERÊNCIAS

BARTON, Carlin A. The Price of Peace in Ancient Rome. In: RAAFLAUB (Ed.), *War and Peace in the Ancient World*. Oxford, Blackwell: 2007. p. 245-255.

BRIZZI, Giovanni. *O Guerreiro, o Soldado e o Legionário: os Exércitos no Mundo Clássico*. São Paulo: Madras, 2003. 155p.

FERRIL, Arther. *The origins of War: From the Stone Age to Alexander the Great*. Londres: Westview, 1997.

Building the way

HARTOG, François. Tempo, História e a Escrita da História: a Ordem do Tempo. *Revista de História*, São Paulo, v. 148, n. 01, p. 09-34, 2003.

LONDON, J. E. *Soldiers and Ghosts. A history of battle in classical antiquity*. New Heaven and London: Yale University Press, 2005.

ROSENSTEIN, Nathan. War and Peace, Fear and Reconciliation at Rome. In: RAAFLAUB, K. A. (Ed.). *War and Peace in the Ancient World*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 226-244.

SWIFT, Louis J. Early Christian Views on Violence, War, and Peace. In: RAAFLAUB, K. A. (Ed.). *War and Peace in the Ancient World*. Oxford: Blackwell, 2007. p. 279-296.